

“Retomada” para o abismo

Os fatos insistem em contrariar o otimismo da mídia e do governo quanto à economia. A arrecadação federal de setembro caiu 8,27% diante do mesmo mês de 2015 e foi a menor dos últimos sete anos, informou a Receita Federal, na quinta-feira 27. O mau desempenho reflete o fechamento de empresas e de vagas, causa do aumento do desemprego em 33,9% no terceiro trimestre deste ano, em relação a igual período de 2015. O total de desempregados subiu para 12 milhões, segundo o IBGE. Nesse contexto, a intenção de consumo só poderia cair. O tombo foi de 5,7% entre outubro do ano passado e este mês, apurou a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Quem conseguiu gastar, enfrentou taxas de juro de 500% ao ano nos cartões de crédito e de 324,9% ao ano no cheque especial, apurou o Banco Central.



Povos indígenas/ Pintura de guerra

Após protestos, governo Temer recua de mudanças no sistema de saúde

Pressionado por indígenas que realizaram protestos por um País que, com raras exceções, parece resignado à tragédia, Ricardo Barros, ministro da Saúde de Temer, revogou na quarta 26 as Portarias 1.907 e 2.141. Editadas nos últimos dias, as portarias acabavam com a autonomia financeira da Secretaria Especial da Saúde Indígena (Sesai) e dos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs).

O recuo deu-se em meio ao bloqueio de rodovias e à ocupação de prédios públicos por 11 mil indígenas, segundo estimativa do Conselho Indigenista Missionário. Se

as portarias entrassem em vigor, gastos até então autorizados pelos distritos teriam de passar pela direção do ministério. A crítica é que a burocratização do processo implicaria ineficiência. De acordo com o Ministério Público Federal, as mudanças provocariam o “colapso” do sistema de saúde indígena.

Para Cleber Buzatto, do Cimi, o recuo do governo é uma demonstração de força dos povos indígenas. “Nos últimos anos, eles têm demonstrado alto nível de compreensão da realidade e de mobilização, mas essa afronta mais direta por parte do governo Temer tende a reforçar esse processo.”

Narcisismo/ BONITINHO E ORDINÁRIO

O “HIPSTER DA FEDERAL”, QUANDO ABRE A BOCA, É UM DESASTRE

Lucas Valença anda por aí para, no desfrute de seus 15 minutos de fama, mostrar que é mais do que apenas um rosto bonitinho. Melhor que tivesse ficado só na estampa. O “hipster da Federal”, catapultado da cena da prisão do deputado Eduardo Cunha para o auditório de Fátima Bernardes, na Globo, na verdade é um idiota truculento e autoritário, cujo,

hum, ideário político-ideológico faria o juiz Sergio Moro parecer um trotskista radical. Ainda sem aquele coque de samurai capaz de arrancar suspiros em donzelas retardatárias, Valença frequentava as redes sociais para pedir, entre *selfies* narcisistas, o impedimento de Dilma Rousseff – antes mesmo de ela ser reeleita. Após a vitória da presidente,

aventou a teoria conspiratória de fraude na apuração. Por seu exibicionismo descarado, sofre hoje um inquérito disciplinar por parte da Polícia Federal. Assim como aconteceu com o “Japonês da Federal”, Newton Ishii, outra celebridade solúvel da Lava Jato, processado por contrabando e já anistiado, o inquérito contra Valença é só jogo de cena.



Investigado pela PF por culpa de Fátima: é só jogo de cena

DIVULGAÇÃO LIDERANÇAS

A Semana

Era o que faltava: a sífilis voltou

Em marcha alucinante rumo ao passado, o Brasil acaba de redescobrir a sífilis. O Ministério da Saúde admitiu esta semana que, de 2010 a 2016, já foram notificados quase 230 mil casos da doença. Isso configura epidemia. A maioria dos casos (56,2%) ocorreu na Região Sudeste, afetou (55%) jovens entre 20 e 39 anos e as vítimas (40,1%) autodeclararam-se de raça branca. Em entrevista à BBC Brasil, a gaúcha Nêmora Barcellos, médica colaboradora da Organização Mundial da Saúde (OMS), alertou para o crescimento dos casos de sífilis congênita, de transmissão da mãe grávida para o bebê, e reiterou que o principal método de prevenção continua sendo o uso de preservativos.



Fixação/ Janaína ♥ Putin

O pretexto é uma suposta base na Venezuela. Mas é “o vigor” dele que a excita

Vladimir Putin tem despertado fantasias em Janaína Paschoal, a musa do *impeachment*. A advogada paulista cometeu na terça-feira 25 o seguinte tuíte: “Com uma base militar na Venezuela, Putin estará a um passo de atacar o Brasil. Estão rindo? Pois eu estou falando sério”. Na mesma série de mensagens em redes sociais, sugeriu que o Brasil, sim, intervenha na Venezuela contra o governo constitucional de Nicolás Maduro. “Temos autoridade para liderar o movimento de libertação da América Latina!”, postou Janaína. Deixou claro o substrato de

sua fixação pelo líder russo ao classificá-lo de “um adolescente”, do ponto de vista político, “apesar de seus 60 anos”. Em entrevista ao site noticioso russo Sputnik, a sempre arfante Janaína afirmou que não chamou Putin de adolescente “para desmerecê-lo, mas, sim, para valorizar o seu vigor”. O governo de Moscou desmente que esteja tramando a fictícia base. Ante a energia libidinal que a pombajira do golpe empresta a seus desvarios políticos-ideológicos, até mesmo um macho alfa como Putin, que tanto gosta de exibir em público sua impetuosidade viril, é capaz de se inibir.

Capitão/ O FUTEBOL JÁ VALEU A PENA

CARLOS ALBERTO ARREMATOU A TESSITURA PERFEITA DO “WONDERGOAL”

Carlos Alberto Torres conferiu o requinte final àquela ação coletiva que resultou no que a crítica internacional chama de “wondergoal”. O gol-maravilha foi o quarto, da vitória do Brasil contra a Itália, na final da Copa do México, em 1970 - que fez da Seleção de Zagalo e de Pelé tricampeã do mundo. Uma

tessitura de passes precisos e inspirados, um minuto e pouco de perfeição, seis jogadores envolvidos desde a defesa, o toque de lado de Pelé e o portentoso chute de primeira do lateral - que dali a poucos minutos, capitão daquele *dream team* de 70, ergueria a Taça Jules Rimet, conquistada para sempre pelo

Brasil. Carlos Alberto jogou no Fluminense, no Santos, no Flamengo e naquele New York Cosmos que tinha Pelé e Franz Beckenbauer. Como treinador, peregrinou pelo Fluminense, Botafogo, a seleção de Omã e a do Azerbaijão. Morreu na terça-feira 25, aos 72 anos, vítima de um infarto fulminante.



México, 1970: o líder num ninho de craques



Venezuela/ Colisão frontal

Suspensão do referendo acirra o choque entre governo e oposição

Aula de bom senso

Desde março, o juro básico do Banco Central Europeu é mantido em zero, o que aliviava a pressão sobre os endividados, inclusive os governos, mas angustia os bancos. Há semanas, o FMI de Christine Lagarde e o ministro da Fazenda alemão, Wolfgang Schäuble, sobem o tom das críticas a essa política monetária que chamam “ultra-frouxa”. Na quarta-feira 26, o presidente do BCE, Mario Draghi, defendeu e explicou sua política. O juro baixo não é uma arbitrariedade, mas a expressão da queda secular do crescimento da produtividade e do desequilíbrio entre poupança e investimento. Subir o juro hoje seria torná-lo alto demais para as possibilidades de retorno e desestimular ainda mais os investimentos, o que acabaria por ser contraproducente para os próprios bancos.

A Justiça venezuelana acatou mandado de segurança do governo e ordenou a suspensão do processo do referendo revocatório para o julgamento das alegações de fraude. Em consequência, o Conselho Nacional Eleitoral suspendeu a coleta de assinaturas marcada para 26 a 28 de outubro.

A oposição considera a decisão um golpe e deu início na Assembleia a um processo de “juízo político e penal” ou *impeachment* que não está previsto na Constituição. A iniciativa

foi considerada inaceitável pelos militares que, liderados pelo ministro da Defesa, Vladimir Padrino, puseram-se ao lado de Nicolás Maduro. Líderes opositores convocam manifestações e greve geral que o governo pretende esvaziar com um reajuste de 40% nos salários.

Está armado o cenário para um confronto total. Embora haja dissidências entre os opositoristas, suas principais lideranças rejeitaram a negociação proposta pela Unasul e o Vaticano para o domingo 30 e condicionam qualquer encontro à realização do referendo.

ONU/ JUSTIÇA SEM BALANÇA

PAÍSES AFRICANOS DENUNCIAM VIÉS DO TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL

Em menos de um mês, decidiram romper com o Tribunal Penal Internacional três países africanos - Burundi, África do Sul e Gâmbia. Para o governo desse último, a instituição, International Criminal Court (ICC) em inglês, não passa de uma International Caucasian Court. Esses governos ou seus aliados talvez tenham culpas no

cartório, mas em um ponto têm razão: o TPI foi criado para julgar crimes de guerra e contra a humanidade em todo o mundo, mas absolutamente todos os 39 indicados desde sua fundação em 2002 foram africanos, embora crimes da mesma natureza tenham sido notoriamente perpetrados por pessoas de outros continentes. Gâmbia diz serem 30

as denúncias de crimes do Ocidente descartadas pelo TPI, incluída aquela referente a Tony Blair. Tanto quanto o Sudão, Estados Unidos e Israel se recusam a ratificar o termo de adesão e reconhecer a jurisdição do tribunal. E como os brasileiros começam a perceber, uma Justiça enviesada não é necessariamente melhor que nenhuma Justiça.



ALEXSEY DRUGINYIN/AFP, EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO, AFP E SPANISH.XINHUANET.COM